

A AMERICA

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Anno... 6\$000

PUBLICAÇÃO QUINZENAL, SCIENTIFIGA,

LITTERARIA, COMMERCIAL, INDUSTRIAL E NOTICIOSA

ADMINISTRADOR — FILINTO D'ALMEIDA

ASSIGNATURAS

PROVINCIAS

Anno... 7\$000

Anno II | Rio de Janeiro, 5 de Novembro de 1879 | Num. 2

A AMERICA

Rio, 5 de Novembro de 1879.

Não é possível agradar a todos.

Quando um jornal, trabalhado nos recessos de um gabinete desconhecido, surge á face do publico indifferente, é de costume interrogar a quem o apresenta:— Qual é a sua côr politica?

Ora, nós não desconhecemos que presentemente todos os phenomenos sociaes estão directa ou indirectamente implicados na politica do paiz onde se realisam, porque a politica é uma rede enorme em cujas malhas se vão embarçar todos os resultados do progresso humano, todos os conflictos da vida da civilisação.

Mas, para uma folha que não vem fazer propaganda a favor de alguma das facções partidarias; para uma folha que tem por objectivo recrear e instruir o publico, pugnar contra a conculcação dos seus direitos, quando assim o exijañ as necessidades do paiz; para uma folha nestas condições, e quando ella apenas começa de apparecer, é sempre prejudicial um ponto de vista politico, que hade fatalmente trazer difficuldades á escolha dos elementos com que possa contar ou de que possa dispor, torcer a franqueza na emissão de quaesquer juizos, tornar parciaes ou servis as apreciações que fizer, quebrar a dignidade jornalistica nas suas variadas manifestações, ceder humildemente ás exigencias, muitas vezes absurdas, do seu partido, nunca poder, emfim, viver de uma vida propria.

Assim, sem partido algum politico, trabalhando livre e independentemente, tendo por norma de conducta a honra, por principio a dignidade e por objectivo o bem commum, submettendo as multiplices questões sociaes ao juizo austero e grave do bom-senso — essa philosophia universal — hade tornar-se sympathica ao publico, para quem trabalha e a quem se dedica com todos os elementos que possa agglomerar, nascendo d'essa sympathia a força moral que sempre dá a popularidade e vem a servir de arma poderosa para o combate das idéas a que então se dedicar.

E' para isso que trabalhamos, e estamos certos que havemos de conseguir a nossa espectraliva.

Terminando, não faltaremos a agradavel obrigação, agradecendo a toda a imprensa, tanto da côrte como das provincias, a benevolencia com que acolheu o nosso apparecimento e as palavras de animação que nos dirigio.

OS IMPOSTOS DE IMPORTAÇÃO EM OURO

No extracto feito pelo *Jornal do Commercio* do discurso, pronunciado pelo ministro da fazenda no dia 22 de Março ultimo na Camara dos deputados, lê-se o seguinte: « Quanto á convertibilidade das notas em ouro declara que é o seu desejo, a sua aspiração. Diz ser a sua gloria se puder realisal-a, e tanto é seu proposito voltar ao padrão metallico, que pediu a nobre commissão do orçamento a restasmação da disposição de lei que exigia se fizesse em ouro o pagamento de uma parte dos direitos de importação.

Não temos o direito de duvidar da boa fé do ministro da fazenda, devemos, portanto, acreditar que o desejo, a aspiração do governo é a convertibilidade das notas em ouro, mas o que não podemos admittir é que seja a ideia de cobrar os impostos de importação em ouro evidencia do proposito em que está o governo de voltar ao padrão metallico.

Ha ahí uma questão de logica e não de palavra.

Não podemos aceitar tão infeliz ideia, como indicio da aspiração do governo, apezar da palavra do ministro da fazenda; porque, segundo as leis da logica experimental, não se obtem um consequente senão pela applicação e combinação de seus antecedentes invariaveis, e jamais foi na sciencia economica o pagamento de parte dos impostos em ouro antecedente para o restabeleci-

mente do padrão metallico em um paiz, onde é moeda o papel inconversivel com curso forçado e cujo governo recorre ás emissões quando precisa de dinheiro.

A decretação de tal ideia, além de produzir effeitos inteiramente contrarios aos esperados pelo ministro da fazenda, além de trazer mais uma perturbação ás nossas relações commerciaes, mais uma complicação ás nossas finanças, affectará essencialmente a moralidade e credito da nação e terá poderosa influencia sobre a depreciação de nosso meio circulante.

Com effeito.

Que fé pôde merecer um governo que, embora com as melhores intenções, deprecia a sua moeda por emissões inconsideradas, paga as dividas contrahidas, os compromissos tomados anteriormente, as novas emissões com o papel depreciado, obriga pelo curso forçado toda a nação a receber esse papel pelo seu valor nominal, e ao mesmo tempo recusa recebê-lo em pagamento, isto é, exige que os pagamentos ao Estado sejam feitos não na moeda do paiz mas em ouro?

O facto de ter o governo apenas proposto que sejam parte das contribuições, e não todas, pagas em ouro, não muda a face da questão, porque em questões desta ordem o que é illicito em alto grau é illicito em todos os graus.

Como quer o governo combater a baixa do cambio, a depreciação do papel moeda, se elle proprio recusa recebê-lo no todo ou em parte dos pagamentos ao Estado, e isto porque o papel está depreciado?

Se ao menos da medida podesse resultar a convertibilidade das notas, teria a proposta uma attenuante, mas assim não succede como demonstram a razão e a experiencia não só dos factos occorridos nos paizes estrangeiros, como ainda dos que occorrem em nosso proprio paiz.

O que evidenciam estes factos é que a moeda metallica em seu pleno pezo não se mantem em um mercado, concorrendo com moeda metallica de igual cunho, mas de menor valor; é que a moeda metallica em concurso com o papel moeda, ou outro qualquer papel com curso forçado, foge de paiz, principalmente quando o cambio está abaixo do par.

Isto é intuitivo, porque as pessoas que n'estas condições tem ouro vendem para ser exportado.

Foi da experiencia repetida destes factos em todos os paizes civilisados que nasceu a lei economica «quando os cambios são desfavoraveis

em certa extensão, é proveitosa a exportação do ouro.»

Em 1774 o parlamento inglez, depois de diversas medidas todas infructiferas para evitar a exportação da moeda de pleno peso em consequencia da existencia na circulação de grande quantidade de moeda deteriorada, tomou a resolução de ordenar que todas as moedas fossem recunhadas.

Foi em virtude da lei economica que acabamos de apresentar que teve lugar o esgotamento do ouro da Inglaterra, do qual foram consequencias as suspensões de pagamentos pelo Banco de Inglaterra em 1707 e 1810, a catastrophe de 1825 e a crise monetaria de 1839.

O mesmo aconteceu na França por diversas vezes, nos Estados Unidos de 1837 a 1839 e depois da ultima guerra, na Escossia de 1730 a 1765 e na Italia relativamente ás moedas cunhadas em 1862 e 1865.

Não ha ainda muitos annos que a Russia, para restabelecer o equilibrio entre a sua moeda fiduciania e a moeda metallica, contrahio um emprestimo externo de 375,000,000, mas o governo verificou com surpresa que pouco tempo depois de ter lançado tão avultada quantia em ouro na circulação a moeda metallica havia sido toda exportada.

Podíamos citar muitos outros exemplos, pois a verdade da lei que apresentamos, lei que foi descoberta por Gresham ha 3 seculos tem-se manifestado em quasi todas as nações, mas estes são sufficientes principalmente se a elles addicionarmos os de nossa propria experiencia.

Com effeito — Qual foi a causa da derivação de nosso ouro senão o papel inconversivel, o curso forçado e a baixa do cambio?

A adopção da medida indicada pelo governo não trará, pois, a convertibilidade das notas por que, como já evidenciamos, todo o ouro que cahir na circulação, emquanto tivermos o papel moeda com suas oscillações naturaes de alta e baixa de cambio, será exportado.

Estamos certos de que o governo não insistirá em semelhante ideia, a menos que não seja seu unico proposito gravar ainda mais o commercio, elevando os impostos de importação na razão da baixa do cambio, e obrigando os commerciantes não sómente ao pagamento de uma taxa elevadissima e incerta, porque variará com as oscillações do cambio mas tambem ao incómodo da compra do ouro, ás despesas de corretagem etc.

— a menos que não seja a ideia da convertibilidade uma pilula dourada apresentada à nação ; apenas um pretexto para novas contribuições.

Joaquim Mattoso.

ECONOMIAS POPULARES

POR A. DE LAMARQUE

Caixas economicas, caixas economicas escolares, escriptorias d'economias das fabricas e officinas.

II

Organisação geral.

A organisação tem variado muito em todos os paizes, não só desde a sua origem como tambem depois da lei ingleza de 1817, que foi a primeira lei organica da instituição e tem servido de base para todas as caixas economicas do mundo.

A organisação é hoje muito differente, comparada de um para outro paiz, acontecendo mesmo, que n'um só, ella se apresenta sob duas ou tres formas.

Não se poderia dizer que estes differentes systemas são o effeito dos diversos costumes dos povos; partindo quasi todos do systema da lei ingleza de 1817, as caixas economicas dos diversos paizes, tem soffrido sob influencias accidentaes, algumas modificações provenientes, umas vezes, de abusos administrativos ou de revoluções politicas, e outras vezes, pela acção mais feliz dos homens d'Estado ou da sciencia, dedicados e engeñosos servidores do progresso. Assim, na Inglaterra, certas impenfeições verificadas, deram lugar a reformas successivas da lei de 1817 ; e em 1861, em seguida a algumas desordens d'administração interior que se tinham produzido em alguns estabelecimentos, uma nova lei creou, a par das 600 caixas economicas então existentes, uma Caixa do Estado, servida por mais de 5.000 agencias.

Estes melhoramentos inglezes e os seus consideraveis resultados, despertaram no mundo inteiro um serio interesse. Um grande movimento, que faz lembrar, ainda que com mais extensão e poderio, o movimento de 1818, tem-se produzido em toda a parte n'estes ultimos annos a favor das instituições da economia popular, entregando-se a profundos estudos comparados sobre as legislações, os processos e os factos dos diversos paizes; e n'este momento as Caixas economicas tendem

em toda a parte a aperfeiçoar-se seguindo os mesmos modelos, adoptando as regras e os methodos que a experiencia dos povos mais adiantados, tem feito reconhecer como melhores. E' assim que n'estes ultimos annos se tem praticado na Inglaterra, na Belgica, Hollanda, Italia e França.

O interesse d'estes esforços pode apreciar-se por algarismos : Na parte civilisada da Europa, comprehendendo 210 milhões de habitantes, contam-se hoje 14 milhões de depositantes e uma somma de depositos valendo mais de 8 mil milhões de francos.

A Inglaterra que, em 1860, antes da sua lei de 1861, não tinha ainda senão 1.600.000 depositantes e mil milhões de francos de depositos, conta hoje 3.300.000 depositantes e 1.827 milhões de francos.

A França que, em 1874, antes dos melhoramentos de que adiante fallaremos e que datam da influencia das Caixas escolares, não tinha senão 2.100.000 depositantes e 535 milhões de francos de depositos, conta hoje mais de 3 milhões de depositantes e mais de mil milhões de depositos. A França (37 milhões de habitantes) está ainda sem duvida muito áquem da Inglaterra (33 milhões de habitantes); mas pode dizer-se que desde 1874 ella entrou n'uma boa carreira, e por uma progressão sem precedentes na historia das instituições de previdencia.

Continúa.

O HOMEM A' PROVA DE FOGO

A America é a verdadeira terra dos prodigios.

Existe no Estado de Maryland um negro que mereceu ser designado pelo nome de *African Fire King* pelas suas proezas, das quaes, ha tempo, deu alguns exemplos no gabinete d'um medico, na presença de cerca de vinte pessoas. Eis como um dos espectadores nos dá conta dessa pequena representação:

« Elle começou por pôr em braza uma pá, collocando-a em seguida sobre a planta dos pés que estavam descalços, sem que parecesse soffrir qualquer impressão desagradavel; tornando a pôr a pá em braza, passou-lhe a lingua por cima varias vezes, sem que mesmo a saliva se seccasse. Em seguida metten a mão dentro d'um forno cheio de fogo, pegando com os dedos n'um carvão d'antracite incandescente, e o offereceu graciosamente aos espectadores que declinaram esse presente. Os dedos nem sequer ficaram es-

fulados. Informando-se, então, se entre a sociedade presente existia algum incredulo, e recebendo com admiração uma resposta affirmativa, pegou n'uma colher de metal enchendo-a de chumbo miudo, fê-lo derreter, mechendo com os dedos; depois, pegando na colher com a mão direita, deitou na esquerda o chumbo a ferver, despejando-o em seguida na boca onde o conservou até esfriar e ficar de novo solidificado: elle escarrou uma magnifica barra.

« Terminada a representação, fez notar que o que acabava de fazer, não era mais do que uma representaçãozinha de 20 dollars, e que se se lhe dessem 50 teriam visto cousa mais admiravel.

Propõe-se a visitar-nos este rei do fogo. Esperemol-o, pois, antes de formarmos uma opinião sobre as suas façanhas.

DESCOBERTA

DO DIARIO DE VIAGEM

do

PADRE DESIDERIO NO THIBET

Tavo lugar ultimamente na Italia, uma descoberta litteraria de certa importancia, sendo ella a relação da residencia, no Thibet (*) durante a primeira parte do seculo passado, do missionario jesuita, o padre Hipolyto Desiderio, de Pistoie. Não havia até hoje conhecimento d'essa viagem atravez do Thibet nem da estada em Lhasa (ou Lassa?), do Padre Desiderio, se não por uma carta de muitas paginas, que d'aquella ultima localidade elle dirigira a seu irmão, missionario em Mysore. Esta carta foi publicada nas *Cartas Edificantes*, tomo XI. M. Puini, antigo secretario da sociedade de geographia italiana, descobriu na bibliotheca d'um particular de Pistoie, um volumoso manuscrito de mais de 500 paginas contendo numerosas informações sobre a geographia, os usos, costumes e religião dos paizes visitados pelo Padre Desiderio, e que elle habitou por espaço de 15 annos. M. Puini vai publicar uma memoria sobre Desiderio e sua viagem, esperando poder publicar o proprio manuscrito.

(*) Região da Asia central.

QUAL DAS DUAS?

POR TH. GAUTIER

(Conclusão)

Cousa singular, é que as duas encantadoras misses não tinham ciomas uma da outra: é verdade que eu tinha todo o cuidado em repartir as minhas caricias e atencões com a maior imparcialidade: apesar d'isso, era das mais difficis a minha posição, achando-me em constante angustia. Não sei se os effeitos que produziam em mim, se produziam reciprocamente sobre ellas; mas não posso attribuir a outro motivo, a boa intelligencia que reinava entre nós. Sentiam-se desacompanhadas quando não estavam junctas e comprehendiam interiormente que uma não era senão a metade da outra, e que tornava-se necessario que estivessem reunidas para formarem um todo. Na ditosa noute em que ellas foram concebidas, é provavel que o Anjo que só trouxera uma alma, não contando com duas gêmeas, não tivera tempo de tornar a subir a procurar uma segunda, e dividira aquella entre as duas pequenas creaturas. Esta louca ideia tinha-se de tal forma enraizado no meu espirito, que as tinha desbaptizado, dando ás duas um só nome.

Musidora e Clary soffriam como eu o mesmo supplicio. Um dia, eu não sei se isso se fez de combinação ou por um movimento natural, ellas chegaram correndo ao meu encontro e esbaforidas cahiram-me sobre o peito. Enclinei a cabeça para beijal-as segundo o meu costume, mas ellas anteciparam-se beijando-me ao mesmo tempo na face: os seus bellos olhos brilhavam com uma vivacidade extraordinaria; os seus coraçõesinhos batiam, batiam: é possível que fosse por terem cornido, mas n'aquella occasião, não julguei que fosse essa a causa; ellas mostravam um modo commovido e satisfeito que não tinham quando as beijava separadamente. E' que a sensação era simultanea e que os dois beijos não eram senão um só e mesmo beijo, não era o beijo de Musidora e de Clary, mas sim o da mulher completa formada pelas duas, que era uma e outra não sendo nem uma nem outra, o beijo da sylphide ideal a que tinha dado o nome d'Adorata. Era isso encantador, e durante tres segundos, pelo menos fui feliz. Mas veio-me à ideia, que d'esta maneira, eu era passivo e não activo, e que estava na minha dignidade de homem não deixar inverter os papeis. Reuni em uma das mãos os afilados

dedos de Musidora e de Clary, e envolvidos cheguei-os aos labios; assim retribui a sua caricia da mesma forma que a recebera d'ellas, tocando com os labios a mão de Clary ao mesmo tempo que a de sua irmã. Ellas compenetraram-se immediatamente da minha ideia, não obstante ser tão subtil, deitando-me, como recompensa o olhar mais encantador, que nunca duas mulheres reunidas puderam lançar sobre o mesmo homem.

Não só ríeis, mas dizeis também que eu estava louco e que não era grande infelicidade ser amado por duas pessoas encantadoras ao mesmo tempo; mas o que é verdade é que em toda a minha vida, eu nunca tinha sido tão atormentado; eu teria possuido Clary ou Musidora, que nem por isso teria sido mais feliz: o que eu queria era impossível, era ter-as ambas ao mesmo tempo, e no mesmo lugar. Vêdes bem que eu tinha completamente perdido a cabeça.

N'aquelle tempo, cahio-me nas mãos um certo romance chinês do fallecido chinês M. Abel Rémusat; e o titulo era: *Yu-Kiao-Li, ou as duas Primas*. No começo não senti grande prazer na descripção das chavenas de chá, e nos improvisos sobre a flor do pecegreiro e dos ramos de salgueiro, que enchiam os primeiros volumes; mas quando cheguei ao momento em que o letrado See-Yeoupe, já namorado da primeira prima, começou a namorar a outra prima a bella Yo-Mu-Li, principiiei a tomar interesse no livro, por causa d'este duplo amor, que me recordava a minha posição, tanto é verdade que somos profundamente egoistas e que não nos agrada senão o que nos diz respeito. Eu esperava o desfêcho com ansiedade, e, quando vi que o namorado See-Yeoupe casava com as duas primas, assegurovos que fui surpreso por desejar ser chinês, unicamente para poder ser bigamo, sem correr o risco de me enforcarem. E' verdade que não teria passeiado, alternativamente, como o virtuoso chinês, o meu amor do pavilhão de leste para o de oeste; embora, desde esse dia, possuíme d'uma singular admiração por *Yu-Kiao-Li*, e proclamei-o por toda a parte como o melhor romance do mundo.

Fatigado de tão falsa situação, resolvi, na falta de melhor expediente, pedir em casamento uma das duas irmãs, Musidora ou Clary, Clary ou Musidora. Deixei escapar algumas phrases com respeito á conveniencia de tomar estado, sobre a felicidade de viver em familia, de tal forma que a mãe fez reticar as meninas e a conversação entabolou-se.

— Senhora, ides achar-me bem estranho, lhe disse eu; a minha intenção bem formal é certamente de casar com uma de vossas meninas, se m'a concederdes; mas ellas parcem-me tão amáveis igualmente, que não sei qual escolha.

Ella sorriu e disse-me:

— Sou como vós: não sei a qual das duas amo mais; mas com o tempo vos decidireis; as minhas filhas são novas, podem esperar.

Ficamos n'isso.

Tres, quatro mezes se passaram; eu estava tão perplexo como no primeiro dia: era para desesperar. Não podia ficar mais tempo na casa sem tomar uma resolução, e não podia tomal-a; pretextei uma viagem. As duas creanças choravam muito; a mãe disse-me adeos com um ar de benevolente e meiga piedade que nunca esquecerei: ella tinha comprehendido a extensão da minha desgraça. As duas irmãs acompanharam-me até ao fim da escada, e, alli, sentindo bem que não nos tornaria-mos mais a vêr, deu-me cada uma um anel de seus cabellos. Em toda a minha vida, eu não chorei senão esta vez e depois uma outra; mas é uma historia que não vos contarei. Fiz trançar juntas as duas mechas e trouxe-as sentimentalmente sobre o coração durante os seis mezes que estive ausente.

A' minha chegada soube que as duas irmãs estavam casadas, uma com um corpulento major que estava sempre bebado e que lhe dava pancada; a outra com um juiz, ou qualquer coisa que se lhe assemelhava, que tinha os olhos e o nariz vermelhos; ambas estavam grávidas. Pode-se bem acreditar que não poupei maldicções a estes dois brutos, que não receberiam separar aquella encantadora individualidade, feita de dois corpos e d'uma só alma, e que fui prodigo de pragas furibundas contra o prosaismo do seculo e a immoralidade do casamento.

A trança passou do coração para a minha gaveta. Um mez depois tomei uma amante.

O outro dia, Marietta pondo em ordem os meus papeis, encontrou este penhor de ternura, e, vendo os dois aneis, um louro e outro castanho, julgou-me culpado d'uma dupla infidelidade, e pouco faltou para me arrancar os olhos; isso seria pena, porque é quasi o que de melhor tenho no rosto, e as senhoras pretendem que tenho um olhar bonito. Tive a maior difficuldade em convencel-a da minha innocencia, e creio que ainda me guarda algum rancôr.

Eis a historia dos meus amores do inverno passado, e a razão porque sou admirador dos romances chineses.

ITINERARIO

DE UMA VIAGEM Á CAÇA DOS ELEPHANTES

POR D. F. DAS NEVES

II

O Gagão

No dia immediato ao receber dos adiantamentos voltavam ainda os caçadores a pedir-me fazendas e aguardente para o *gagão*. Esta exigencia, apesar de ser a menos importante, era a que realmente me repugnava satisfazer.

O *gagão* compõe-se de ganizes e outros ossos pequenos de cabritos selvagens e domesticos, de ossinhos da cabeça da hyena, e de muitos seixos maritimos, brancos e pretos.

O *gagão* é o oraculo dos pretos. Não marcham para a guerra, não emprehendem nenhuma viagem, sem que previamente o consultem. Para qualquer acto da vida, até o menos importante, carecem de consultal-o. Todos os pretos o sabem deitar. Uma consulta simples qualquer pôde fazer-a, conseguindo uma resposta do oraculo. Porém quando um preto se dispõe a fazer viagem, tem necessariamente de socorrer-se dos professores de *gagão*, que são uns verdadeiros sacerdotes dos negros. Vejamos como estes doutores fazem uso do *gagão*.

Depois dos regulos, os caçadores de elephantes eram os que melhor recompensavam os *gagaistas*. Na vespera da viagem o caçador chama a casa um dos mais afamados *gagaistas*. Este, depois de ter recebido adiantadamente o preço de seu trabalho, apresenta-se na morada do caçador, precedido de um rapazinho, que é portador dos ossos do *gagão*, cuidadosamente encerrados em uma bolsa de coiro. O caçador recebe o *gagaista*, sem faltar a nenhuma das regras da etiqueta que é devida á alta dignidade desta especie de sacerdotes.

Todas as poyoações têm no centro uma arvore, pelo menos. A recepção é feita debaixo d'ella. O caçador manda estender uma esteira para o *gagaista* se sentar. Feito isto, senta-se tambem o caçador, mas no chão, distante d'elle cerca de

quatro passos, de braços cruzados sobre os joelhos em signal de respeito. O *gagaista* recebe então do caçador os mais respeitosos cumprimentos, que elle retribue com palavras muito affectuosas, mas com ar de um refinadissimo velhaco. Depois de contarem um ao outro as novidades do dia, o rapazinho depõe aos pés do *gagaista* a bolsa com as peças do *gagão* e principiam então o trabalho. Se o caçador tem pae, avô ou bisavô, é indispensavel a presença do ultimo.

Apenas o *gagão* está a ponto de funcionar, o caçador vae postar-se a dez passos dos circumstantes, com as costas viradas para elles. Cruzados os braços sobre os joelhos, dirige preces supplicantes á alma do pae, se já fôr fallecido. Se ainda vive, ao avô; e assim successivamente, isto é, ao ultimo progenitor fallecido. N'estas orações pede elle ao pae, avô ou bisavô, que o proteja na viagem que vae emprehender, e que havendo obstaculos lhe mostre a natureza d'elles, e lhe indique os meios de vencer todos. O *gagão* encarregar-se-ha de responder pela alma ás orações do supplicante. Findas estas vae sentar-se em frente do *gagaista*, que despeja, então, no chão a bolsa do *gagão* passando a empunhar uma varinha, e a dar começo a solemnidade, após exordio breve e adequado ao assumpto. O caçador apanha, ás mãos ambas, todas as peças do *gagão*, invoca de novo a alma do seu progenitor, e lança-as ao solo, dando-lhes a direcção do *gagaista*. Este pousa logo a varinha sobre os pés, apoia os cotovellos nos joelhos, e descansa sobre as mãos o rosto. E assim permanece por mais de cinco minutos, meditando e olhando vagarosamente, uma a uma, todas as peças do *gagão*, emquanto que os assistentes guardam neste acto silencio religioso. Depois toma a varinha, e reunindo com ella as peças do *gagão*, faz signal ao caçador para as lançar outra vez, o que este executa, invocando sempre a alma do seu progenitor. O *gagaista* medita ainda na mesma posição que a anterior. Em seguida pega na varinha, que havia pousado, e principia a interpretar em diversas peças o futuro, isto é, o que deve necessariamente succeder na viagem do caçador, indicando com a ponta da varinha a significação de cada uma d'ellas, significação que varia segundo a posição em que se acham.

O caçador continua a deitar o *gagão*, e o *gagaista* vai-lhe traduzindo e indicando successivamente o que tem a fazer durante a viagem, e

o modo como deve encetar a caça, quer de elephantes, quer de outros animaes. Se por ventura o *gagão* manifesta algum obstaculo, o *gagaista* estuda a sua natureza e aponta o meio de o combater. O *gagão* tambem tem obrigação de indicar se a primeira peça de caça, que o caçador matar, será macho ou femea. O caçador observa rigorosamente tudo quanto o *gagão* lhe prescreve.

(Continúa)

MANEIRA DE DAR ESMOLA

CONTO HESPAÑHOL

DE D. ANTONIO DE TRUBBA

Uma tarde ia-mos na diligencia de Bilbao a Durango um senhor cura, um aldeão e eu. O senhor cura era o que se chama um bemaventurado, porque com a candura e o bom coração supria o muito que lhe faltava em talento e perspicacia. O aldeão era mais fallador que um papagaio e mais agudo que uma lingua de invejoso. E eu era um curioso observador que, embora pareça que aspira ao corpo, aspira á alma; isto é, que quando parece que só pensa nos contos e anedoctas populares que ouve, pensa na philosophia que aquelles contos e aquellas anedoctas encerram.

Como Biscaia não mede mais de desesseis ou desesete leguas de comprido e onze ou doze de largo, e a população apenas se interrompe e está toda ella cruzada de estradas, e quasi todos os biscainhos nos reunimos com frequencia nos mercados das villas, nas romarias, nas feiras e nas juntas geraes de Guernica, donde ha mais de mil annos nos governava-mos livremente, sem nos lembrar se era-mos liberaes ou deixavamos de o ser, todos nos conhecemos e por onde quer que andamos vamos entre amigos, ou pelo menos, entre conhecidos. Assim, era que o senhor cura, o aldeão e eu ia-mos conversando como amigos, ao que contribuia tambem a rarissima circumstancia de ir sós na diligencia, que quasi sempre vae attestada de gente.

Sempre que a diligencia parava ou rodava mais devagar ao começar uma ladeira, subia ao estribo algum mendigo a pedir-nos esmola, porque se os vascongados rarisimas vezes mendigam nem na sua terra nem na alheia, em troca, as pro-

vincias vascongadas são a terra de promessa para as de outras mais infortunadas.

O aldeão e eu dava-mos esmola a todos os pobres; mas o senhor cura depois de levar a mão ao bolso do jaleco, retirava-a como arrependido da sua boa intenção, e era o unico que não dava esmola.

Estranhava-mos muito isto, porque sabiamos que na sua aldeia não havia necessitado que o não achasse sempre prompto a soccorrel-o, e o aldeão começou a lançar-lhe em rosto aquelle proceder, com indirectas do padre Nunho, que d' mão cerrada chamava *punho*.

O senhor cura não se dava por entendido d'estas indirectas, que seguramente eram demasiado iustus para que pudesse penetrar-as a sua intelligencia; o esperto aldeão deixou-se então de rodeios e foi directo ao assumpto.

— Senhor Cura, sabe *vocemecé* o que lhe digo?

— Que é?

— E' que, de nós trez, *vocemecé* é o unico que falta a alguma obra de misericordia, sendo precisamente o mais obrigado a praticar-as.

— E a que obra de misericordia falta eu?

— A' que manda socorrer ao necessitado. Suponho que quando um pobre lhe pede esmola, e depois de levar a mão ao bolso, se arrepende e a retira vasia, não está *vocemecé* pensando no que D. Antonio e eu pensamos.

— Então em que pensam?

— Em que a mulher e os filhos comem como gulosos.

— Está claro que não penso nisso.

— Pois então em que pensa *vocemecé*?

— Homem, penso que se é muito santo dar esmola aos necessitados, é grande encargo de consciencia dal-a aos viciosos. Quasi todos esses vagabundds que pedem esmola são viciosos, uns malandros que por se-o vivem assim.

— Mas não o serão todos.

— Não disse que o sejam todos, são quasi todos.

— Mas não vimos que *vocemecé* desse esmola a algum.

— Decerto, e muita pena tenho ao pensar que para não favorecer a viciosos, tenho que deixar de socorrer a necessitados; porem, como se hade arranjar a gente para evitar este inconveniente?

— Como? eu lh'o digo: imitando, em busca do bem, o que Herodes fez em busca do mal.

— Não o entendo.

— Acredito, senhor cura, mas eu procurarei fazer-me entender.

— E como?

— Narrando-lhe um conto.

— Pois que venha, e assim mataremos o tempo.

— E aprenderemos, ajuntei eu; que os contos sempre ensinam alguma cousa, quando aquelle que os conta não é tolo, cousa que não é de temer d'este senhor.

O aldeão, que começara de preparar o cachimbo, accendeu-o com a maestria que em poucos annos tem adquirido os campestinos em servir-se das serrilhas phosphoricas, embora que o vento sopra como um demonio, e chupa que chupa nos contos o seguinte:

II

Existe em Abadiano um tal Chómin que tem feito uma fortuna barbara com a sua devoção a uma porção de Santos e Santas.

Logo depois de casado não possuia mais bens que sua mulher e uma cadella; mas lembrou-se de tomar por protectores perpetuos a Santo Isidro, patrono dos lavradores; a Santo Antonio Abbade, advogado dos animaes; a S. Roque, inimigo da peste; a S. Cosme e S. Damião, medicos celestiaes; a Santa Luzia, protectora da vista; a Santa Barbara, inimiga de raios e trovões, e a uma infinidade de Santos e Santas a quem obsequiava todas as noites com o seu correspondente Padre-nosso e Ave Maria a cada um, e o certo é que encontrou n'elles uma mina, porquedesdeentão começou de prosperar, e tal prosperar foi, que ao fim de poucos annos era senhor da melhor casa e fazenda da bairrada de Gaztélua.

Em casa de Chómin não se tem conhecido sequer uma dôr de cabeça; o trigo que geralmente dá em Biscaia desesseis fangas por cada area, dá a Chómin de vinte a vinte e quatro; jámais se lhe desgarrou uma rez; emquanto tem muitas, e quando a tempestade se forma nas alturas de Gorbea e Amboto e desce vomitando scentelhas até Abadiano, tem sempre bom cuidado em dar uma volta para não passar por cima da casa e das herdades de Chómin.

Chómin tinha um criado que se chamava Péru,

a quem havia promettido casar com sua filha Mari-Pepa, de quem Péru estava namorado, e em verdade que não sem motivo, porque a pequena era do melhor que se apresentava aos domingos no baile da praça de Abadiano.

Péru era trabalhador e honrado como o primeiro; porem muito falto de memoria e por consequente de entendimento; contava-se d'elle, entre outras cousas não menos singulares, que havendo-lhe dito seu amo, um dia que Péru subia a Santo Antonio de Urguiola, que desse um beijo de sua parte a *Aiá Sant'Antonio*, (1) em lugar de dar o beijo a Santo Antonio Abbade o deu ao porco que acompanha o santo.

Mas apesar de tudo isso, se elle estava namorado de Mari-Pepa, mais o estava Mari-Pepa d'elle, porque já se sabe o que são as mulheres: por pobre, por feio ou por mau, poderão não querer um homem; mas por falta de talento não deixam nunca de o querer.

Uma noite, vespera de Santiago, depois de rezar toda a familia, sob a direcção de Chómin, o Santo Rosario e outro Rosario de Padre-nossos e Ave-Marias pelos santos e santas protectores da casa, Chómin disse a Péru:

— Ouve, Péru, amanhã começa a feira de Bausunto e penso ir até lá a ver se compro um par de novilhas, para os ir creando e demandando afim de quando tu e Maria-Pepa vos caseis, leveis uma boa parelha, porque já é tempo de ir pensando em accommodar-vos.

Péru e Mari-Pepa ao ouvir isto ficaram vermelhos como cerejas, e olharam-se scintillando-lhes os olhos de alegria, como dizendo-se mutuamente: — Ai, que gana eu tenho de pescar-te!

Chómin continuou:

— Por la estarei pelo menos um par de dias, porque emquanto não encontre um par de novilhas que promettam ser a gala do Duranguésado, não volto. E' mister, Péru, que entretanto faças tu as minhas vezes todas as noites dirigindo o Rosario e cuidando muitissimo de rezar o seu correspondente Padre-nosso e Ave Maria a cada um dos Santos e Santas que nos protegem,

— Não tenha cuidado, respondeu Péru, que

(1) O Padre St. Antonio.

nenhuma falta fará *vocemecê* a nenhum d'esses Santos.

— Assim o espero, Péru; porém repito-te que tenhas muitissimo cuidado de que nenhum Santo nem Santa se escape sem o seu correspondente Padre-nosso e Ave-Maria, porque já vês, Péru, o muito que lhes devemos. Minha mulher e eu não tinhamos mais que um trapo adiante e outro atraz quando os tomamos por protectores, e hoje... Uma bolça de onças de ouro, mais reluzentes que o sol, saltará de dentro da caixa no dia em que Mari-Pepa e tu vos casardes! Suppõe tu que se te escapa, por exemplo, Santa Barbara sem o seu correspondente Padre-nosso e Ave-Maria e estala uma tempestade!... Jesus, só de pensal-o, como diz o outro, tremem-me as pernas!

Vamos a ver, Péru, se sabes de cabeça todos os Santos e Santas a quem hasde rezar todas as noites o seu correspondente Padre-nosso e Ave-Maria.

Péru declinou o nome de todos os Santos e Santas protectores da familia muito á satisfação de Chómin, e este acabou por encarecer-lhe a fidelidade no cumprimento do seu cargo, ameaçando-o que não seria genro seu, se deixasse escapar algum Santo ou Santa sem o seu respectivo Padre-nosso etc., o qual elle havia de conhecer desgraçadamente nos contratempos que não deixariam de sobrevir por tal descuido á familia, á casa, ás herdades e ao ganhadão.

Na manhã seguinte, assim que ouviu a primeira missa em S. Torquato de Abadiano, tomou Chómin o caminho da feira, seguro já de que Péru não deixaria escapar a nenhum Santo nem Santa sem o seu respectivo Padre-nosso e Ave-Maria.

Tão a peito tomou Péru o encargo e sobretudo a ameaça, que passou toda a noite e a manhã seguinte pensa que pensa a fim de encontrar meio seguro de que não se lhe escapasse nenhum Santo nem Santa sem o seu respectivo Padre-nosso etc.; porém não dava com aquelle meio por mais que desse volta ao miollo.

E o caso era para pensar, porque Péru dizia: « Eu sei como um papagaio os nomes de todos esses Santos e Santas; mas como são vinte e cinco afóra a senhora, como evito eu que me esqueça algum sem o seu correspondente Padre-nosso e

Ave-Maria e leve o diabo o meu casamento com Mari-Pepa? Cuidado, que seria uma espiga que tal cousa acontecesse, porque o que se diz companheira, como Mari-Pepa não a encontro eu em toda a Hepanha, e depois Chómin não nos deixa sahir de casa sem um bom arreoio, uma boa parelha de bois e quinhentos ducados de dote!

Ao cahir da tarde todo o mundo bailava ao som do pandeiro e da gaita de folas na praça de Abadiano, menos Péru e Mari-Pepa. Péru estava sentado, pensa que pensa, n'aquelles formosos e fentéis vinhédos, onde *vocemecê*, D. Antonio, costuma ser o passaro que belisca as uvas mais doiradas. Mari-Pepa estava na praça, sentada juncto á fonte, sem querer dançar com ninguem e cheia de tristeza pelas attribuições de Péru de quem estava enamorada como uma tonta.

De repente Péru soltou um grito de alegria, e, saltando rapido á praça e abraçando Mari-Pepa dançou com ella o *drin-drin* mais louco que se tem dançado desde Zornosa a Elórrio e desde Ochandiano a Mallabia.

E' que já havia descoberto um meio infallivel de que lhe não escapasse Santo nem Santa da côrte celestial sem o seu correspondente Padre-nosso e Ave-Maria.

— E qual era esse meio? Perguntamos cheios de curiosidade o senhor Cura e eu.

— Um meio muito simples, respondeu o narrador. Logo que Péru rezou o Rosario acompanhado da familia, passou a rezar o correspondente Padre-nosso e Ave-Maria a cada Santo e Santa dos que Chómin havia eleito advogados, e em seguida, para o caso de lhe ter esquecido algum, rezou... a quem cuidam *vocemecês* que elle rezou?

— Eu sei lá!

— Pois rezou a todos os Santos e Santas da côrte celestial e sete leguas ao redor para o caso de ter sahido algum a passeio.

O senhor Cura soltou umagargalhada ao ouvir isto, não tanto por achar graça ao conto como por alegria e satisfação porque havia comprehendido a lição do aldeão, que se reduz a isto: o meio infallivel de não privar de esmola a nenhum mendigo verdadeiramente necessitado, consiste simplesmente em dal-a a todos os que a pedem.

Esta moralidade é boa, podendo todavia ser melhor dando-se-lhe mais amplitude, porque no conto ha tela para isso e muito mais. Por exemplo: o meio infallivel de um homem ser cortez, caritativo, generoso e justo com todos os que o merecom, consiste simplesmente em sei-o com todos.

Dois ou trez pobres nos pediram esmolas ao aparmo-nos da diligencia em Durango e o primeiro que lhas deu foi o senhor Cura. Como visse-mos que este permanecia ao pé da diligencia, com os dedos indice e pollegar no bolso do jaleco, perguntamos-lhe:

— A quem espera, senhor Cura?

— Espero, respondeu elle sorrindo placidamente, a todos os pobres de Durango e sete léguas ao redor, para o caso de haver sahido algum a passeio.

UMA FANTASIA

Podia-se ler ultimamente n'um dos jornaes mais profusos de Paris, o aviso publicado por um archi-millionario que, enfastiado das riquezas e desejoso de abandonar o mundo, offerece, com um fim utilitario, a sua fortuna a um homem intelligente. Eu tenho a honra de conhecer particularmente este millionario desconhecido.

Que não disse nem dirá seu nome.

É um original que, embotado pelos gozos ordinarios da vida opulenta, e fatigado de theatros, de bons jantares, de vinhos finos, de viagens, de passeios no bosque, de corridas de cavallos, de soirées aristocraticas e d'uma bagagem composta de gastrites, de enxaquecas e de bocejar, que faz na terra a felicidade monotona das pessoas ricas, quiz procurar novas sensações, fazendo destilar diante de si a interminavel proccissão da parvoice e da cobiça humana.

Elle obteve um exito completo.

Desde que fez o annuncio, recebeu diariamente, termo medio, quinhentas a seiscentas cartas. Foi necessario abrir para elle unicamente, um postigo na repartição do correio. Um robusto Auvergnez traz-lhe cada manhã o seu fardo epistolar. O nosso millionario despeja-o só, com avidéz, tendo tomado um archivista para classificar a sua colleccão, que será, asseguro-vos, um museu curioso. Ouvem-no algumas vezes rir a sós em quanto percorre este formidavel correio, com grande pasmo do seu criado de quarto, que o julgava atacado d'um spleen incuravel. Quando finalisa esse trabalho elle esfrega as mãos, tem o rosto animado, briha-lhe o olhar, e atmoça com bas-

tante appetite. Além disso, é capaz de abandonar effectivamente os seus milhões, no dia em que tiver encontrado o homem da sua paixão; a questão é que os correspondentes não esmoreçam.

O excentrico millionario houve por bem conceder-me que saqueasse a sua ultima recepção epistolar. D'alli retirei quasi ao acaso, as amostras que seguem:

« Senhor, o vosso projecto demonstra um espirito sublime. Se vos é necessaria uma pessoa intelligente, capaz de comprehender-vos, permiti-me assegurar-vos que não encontrareis melhor de que eu. A minha intelligencia tem admirado sempre aquelles que me rodeiam. Ainda creança, eu era a admiração da minha ama, que não se cansava em repetir a minha mãe: « Senhora, está creança tem espirito até á ponta das unhas... » Aos quatro annos, sabia as primeiras letras; aos nove, comecai o latim e obtive um primeiro premio de applicação na celebre instituição Petdejeun; dez annos depois, tive a carta de bacharel desde a segunda prova. Toco muitos instrumentos. Traduzo Victor Hugo e M. Vacuérnie com o Rappel aberto. Se me dispensais a honra de escolher-me, senhor, a primeira necessidade do meu coração será de vos erigir uma estatua equestre, no genero daquella que a cidade de Genebra acaba de encommendar a M. Vela para honzar os manos do Duque de Brunswick. »

— « Senhor, escreve um outro, depende de vós dar desenvolvimento a uma invenção que me parece poder acreditar que é a maior maravilha do seculo desenhove; vós ides julgar. Trata-se d'um pequeno instrumento, fructo de dez annos de meditações e de pesquisas, pelas quaes pude conseguir combinar, sob um formato reduzido, elegante e commodo para uso da sociedade, todas as necessidades da mais refinada civilisação. Para a tornar mais conhecida, seria urgente distribuir milhões de exemplares.

Fallo da minha bengala — chapéo de chuva — fusil — espada — revolver com musica, sendo o nome sufficiente para vos indicar os multiplos usos. A minha bengala guarda, chave etc., pôde trazer-se indifferentemente na mão, na algibeira, debaixo do braço, ou tambem prender-se ao collete como se fosse um bençoque. É apenas bastante carregar n'uma moeda para produzir a metamorphose desejada, seja que se queira accender o charuto, regalar os ouvidos com uma aria do *Giroflé-Girofla*, ou simplesmente quehrar a cabeça a quem nos encommode. Não insisto; um homem superior como vós, senhor, deve comprehender tudo que ha de engenhoso n'esta invenção. »

Terceira carta:

« Vós sois um philanthropo, senhor; eu o sou tambem. Ajuda-me a preencher uma lacuna nas obras de beneficencia. Todas as necessidades physicas, como as necessidades moraes da classe pobre, parecem ter sido previstas pelos fundadores das instituições de caridade; não ha se-

não uma, senhor, uma só, na qual pessoa alguma pensou. Ha muito tempo que notei este esquecimento, e ambiciono a gloria, á qual vos associarei com prazer, de remedial-a. Offereço-vos, senhor, de crear commigo a obra dos esquentadores para as senhoras pobres e idosas. Devido aos nossos cuidados, logo que comece o inverno, será depositada em todas as igrejas, delegacias municipaes, salas de que quer reunides, uma quantidade sufficiente de esquentadores conforme o modelo que aqui junto, que é da minha invenção, e que se terá completamente preparado com antecedencia. A cada senhora idosa e considerada, seria immediatamente pto sto de baixo dos pés um desses esquentadores. Preciso acaso, senhor, patenciar-vos os felizes resultados desta obra, tudo o que n'ella temiam a ganhar a humanidade e a saúde? Desappareciam as bronchites, os defluxos, os catharras; não haveria mais destas tosses violentas que perturbam o recolhimento das assembleas, etc., etc.

Outro correspondente é um poeta que compoz uma epopéa em trinta e dois cantos, recusada unanimemente por todos os editores, e que conta com o millionario para a mandar imprimir e fazer uma tiragem de cem mil exemplares, com illustrações de Gustavo Doré, promettendo reconhecer esta munificencia com uma dedicatória que immortalisará o nome do seu Mecenas.

Entretanto M. Gagne faz-lhe uma rude concorrência. A M. Gagne é facil demonstrar que pessoa alguma preceute melhor do que elle, as duas condições exigidas: 1.º. Elle é d'uma intelligencia nouca vista, 2.º. Foi inspirado pela Providencia para crear uma alluvião de obras mais ou menos úteis e bellas umas do que outras, sem fallar nas suas obras completas: 1.º. a Archi-monarchia, 2.º. a Republica-imperio-realeza, 3.º. o Trinna-vir-salvat, 4.º. a Philantropophagia, — e tudo o mais.

Eu passo em claro os fundadores de Icarus e de phlausteros, os inventores da direcção aerea, do movimento perpetuo, da quadratura do circulo, das linguas universaes, as religiões aperfeçoadas, sem moral, sem dogma e sem Deos, facéis de seguir em toda a parte, mesmo viajando e pelos assignantes do Siacle. Um correspondente achou meio de metter Paris dentro do vidro, e como o Palacio de crystal, desde 1.º de Outubro até 31 de Março, e de verão, nos dias de temporal, de abrir por cima da grande cidade um guarda chuva gigantesco; um outro convertia a praça Vendôme n'uma magnifica sala para os bailes de mascaras, aos quaes falta espaço sufficiente; um terceiro, facia crescer os espargos, os petits pois, as uvas e os pécegos em cinco minutos, por meio da electricidade; este, d'armazenar e metter em frascos os raios do sol, para os revender muito caro no varejo a todos que precisassem; aquelle de montar uma grande fabrica pelo modelo d'aquellas de productos chimicos, para a producção artificial de pensamento humano, ajudado por uma composiçào da mesma natureza que

o cerebro, com as mesmas materias combinadas e nas mesmas proporções, segundo a formula dada por MM. Vogt, Winchow, Buchner, e posta em movimento por uma simples manivella.

Mas, de todas estas cartas a mais franca e a mais digna d'interesse, pareceu-me ser a seguinte:

« Senhor, apresento-me candidato aos vossos milhões em disponibilidade. Sou moço ainda, senhor; tenho os meus trinta e dois annos, muito appetite, muitos vicios a sustentar, e sem viuentem. Estimo que não possa fazer das vossas riquezas um uso mais útil, sobretudo por meu respeito, do que pôl-as ao serviço d'um temperamento tão bem dotado pela natureza e tão mal servido pela fortuna. Meu avô reduzia á mastigação os ultimos dias da vida; eu vejo com satisfação que os philosophos e os sábios em voga voltam a esta grande doutrina. Sinto-me com disposição e com força, senhor, para mastigar os vossos milhões. Não é, pois, para deplorar que tão nobres faculdades fiquem sem emprego por falta d'algumas miseraveis notas de banco? Dir-me-deis, talvez, que eu poderia trabalhar: é possível; mas eu sou tão preguiçoso!

« O SOBRINHO EM TERCEIRO GRÁO DE RAMBAI. »

Em boa hora ao menos!

Eis aqui um que não é hypocrita. Se é verdade, segundo uma definição que torna a ser moda, que o homem seja um tubo digestivo furado nas duas extremidades, pessoa alguma é seguramente mais digna de ser millionaria.

MANIN

Jorge Manin, general da guarda nacional de Veneza, occupa-se actualmente mais de mechanica e de sciencias exactas do que da arte militar.

A cidade que erigiu uma estatua a seu pai, fez-lhe presente d'uma casa como lembrança do papel que elle representou em 1848. Entretanto elle era apenas uma criança n'essa epocha, mas a quantas heroicidades deu lugar a revolução de Veneza! Daniel Manin que, n'um discurso, tinha chorado sobre a sorte da sua patria ousando dirigir uma petição á sombra d'assemblea deliberativa permitida pela Austria, foi agarrado e conduzido á prisão. Foi o signal da revolta. O povo reclamou a liberdade do prisioneiro; o governador não a concedeu; então a multidão, com as crianças na frente e conduzida por Jorge Manin, marchou sobre as prisões, arrancou as grades, e arrombou as portas; mas Manin não aceitou a liberdade devida á sublevação. « Não, diz elle a seu filho, não sahirei; eu quero que o governador reconheça por si mesmo a illegalidade da minha prisão. »

No dia seguinte de manhã cedo, o carcereiro apresentou-se-lhe:

— Vesti-vos depressa, disse-lhe elle; vós estais livre.

— Mas eu não quero dever a minha sahida á sedição e sim á lei, repito-vol-o.

— E' por ordem do tribunal que vós sahis.

— N'esse caso é diferente, respondeu Manin; e elle vestio-se e sahio.

Elle encontron Venezia n'uma agitação extraordinaria; a cada instante rebentavam collisões entre o povo e os soldados; sentia-se o cheiro da pólvora.

Manin organisou a guarda nacional, mas quando chegou o momento de marchar, aquella recou: « Está bem, grita Manin levando seu filho, irei só! » Uma centena de operarios reuniram-se a elle, apossaram-se do arsenal, armaram o povo e proclamaram a liberdade de Venezia.

Era o dia 22 de Março.

Os Austriacos retiraram-se, e no dia seguinte a guarda nacional e o povo acclamava na praça S. Marcos, Manin presidente da Republica.

No entanto Milão, depois da derrota de Carlos Alberto tornaria a cahir em poder dos Austriacos que não tardariam a marchar sobre Venezia. Tornou-se preciso organizar a defeza: um triumvirato no qual associaram a Manin um militar e um maritimo substituiu a dictadura. Falteavam, porém, os meios de sustentar a guerra, porque os Austriacos tinham deixado os cofres esvaziados; foi então que o patriotismo dos ricos se revelou; vio-se então os patricios levando a sua boixela á Moeda, e Manin ainda que pobre, recusou o seu soldo.

Depois da abdicção de Carlos Alberto, como se estava em vésperas de cerco, Manin convocou a Assembléa no palacio dos Doges e propoz-lhe esta p'estão:

— Quereis resistir?

— Sim, respondeu a Assembléa inteira.

— A todo o transe?

— A todo o transe.

E a Assembléa votou-lhe poderes illimitados.

Alguns dias depois, Radetzki fazia bombardear Malghera; mas como os trabalhos não avançavam com presteza, os Austriacos empregaram em logar de 60, 150 peças.

O general Ulloa não abandonou Malghera senão quando a ultima casa ficou em ruinas. Venezia, tendo cortadas as communicações com a terra, supportava a fome sem murmurar, com uma resignação sublime. Um dia, tendo havido explosão n'um deposito de pólvora, foi queimada uma duzia de desgraçados que foram levados agonisantes para o hospital. « E' Manin diz um delles, a origem de eu estar n'este

estado; elle disse-me que me fizesse soldado... Mas tanto melhor, viva Manin, viva a Italia! » Os seus companheiros de martyrio erguendo-se sobre sua cama, repetiram em côro, com enthusiasmo: « Viva Manin! viva a Italia! »

« N'este interim os Russos atravessaram os Carpathes e entraram na Hungria; a França procurava subterfugios; não havia d'alli mais soccorros a esperar. Manin convocou de novo a Assembléa e perguntou-lhe: « Deve capitular-se? » Passou-se á ordem do dia.

Ao anoitecer do dia seguinte, um chuvaeiro de bombas e balas incendiarias cahio sobre Venezia; apesar do perigo que havia em sair-se de casa, occorreram scenas admiraveis de dedicação e desinteresse.

Os dois bairros populares, os Castellani e os Nicoloti não só eram rivaes, mas tinham-se votado desde a idade media um odio de morte. Ora, os Castellani, sabendo que os Nicoloti estavam como elles expostos ás bombas inimigas, vieram buscar-os a suas casas e levaram-nos para o seu bairro para que elles ficassem abrigados do bombardeamento.

A fome juntou-se o cholera. Manin, com o coração despedaçado, convocou secretamente a Assembléa e repetiu-lhe a sua questão; depois de longo debate, deram-lhe plenos poderes. N'essa mesma noite escreveu elle na *Gazeta de Venezia* um artigo onde manifestava toda a sua alma, e que terminava por estas verdades eternas: « A nossa consolação é pensar que uma paz duradoura só depende da justiça; e acreditar que para as nações, o martyrio é tambem a redempção! »

A 14 d'Agosto, Manin entabolava negociações com o ministro austriaco, a 13 despedia-se da guarda nacional, e a 27 entrava a bordo d'um navio francez acompanhado de sua familia e de seus amigos.

— Manin morreu em Paris a 22 de Setembro de 1857, nos braços de seu filho Jorge, dous annos antes que a sua prophécia se realizasse.

Venezia destruiu a Austria, como a Alsacia-Lorena, esta Venecia do Oeste, ha de destruir a Allemanha.

UM PERFIL REALISTA

André da Silva era um rapação de vinte annos, robusto, espadaúdo, musculoso como um athleta. Tinha a barba e apontar-lhe nas faces sanguineas e era senhor de um nariz respeitavel, longo, grosso, pontegudo; o cabello de um russo-hestial e secco. Tinha a voz fanhosa e um temperamento extremamente sensível.

Era sacristão de uma igreja e tinha, por consequencia do officio, uns habitos simples, acanhados, humildes. Cheirava a padre e toda a sua vocação era para a vida ecclesiastica; acreditava ingenuamente nos milagres de Santo Antonio e na virgindade de Maria Santissima.

Alem de sacristão era ainda membro de uma philarmónica do Cattete.

Nas reuniões familiares da sua sociedade vestia umas calcetas pretas, curtas, enrugadas, com um forte cheiro de mofa, e uma sobrecasaca immigradita, com rugas largas e um corte exquisito; deitava botinhas de ponta aguda e rendada, com gaspeas de duraque cor de havana; uma gravata branca com as pontas largas e bordadas como as dos cocheiros. Tinha um lenço de seda, de grandes barras azues, com um mappa da Europa ao centro, rescendendo a extracto de Rimells falsificado. Suava muito e punha em banha os seus colleirinhos á *Prim*.

Tinha um forte desejo de elegancia plastica e gostava muito de afiambrar-se para os bailes.

Andava ha muito com um grande vacuo no coração e sentia necessidade de o encher com um amor grosso, forte, consistente, carnal.

Como resultado desta circumstancia vinham-lhe ás vezes umas tristezas longas, uma melancolia enorme, que lhe obumbrava o espirito em cogitações fantasistas de uma idealidade indescriptivel e vaga.

Inflamava-se ao ver uma mulher, fosse qual fosse a sua idade e a sua belleza. Não obstante era extraordinariamente pudico. Tinha a mudez da contemplação e o silencio do extasi.

Ao ajudar á missa, se alguma mulher o olhava, perturbava-se muito, e, ás vezes, comprometia o padre, fungando o *et cum spiritu tuo*. Estava n'uma idade perigosa e quando de noite sonhava, fantasiando uma mulher gorda, a sua natureza represada reclamava a quebra da castidade, que até então havia guardado religiosamente, como um mandamento da lei de Deos.

Uma vez a sua sociedade festejava o anniversario da fundação e offerecia aos socios uma reunião familiar. André foi.

Ainda ha pouco tempo aprendêra a dansar, com o professor da sociedade, e ia pela primeira vez cingir um corpo de mulher.

Estava pois com uma anciedade nervosa, uma extraordinaria exaltação de espirito. Já o baile ia em meio quando elle se animou, a instancias do professor, a tirar uma dama para a polka que a orchestra começava de preludiar. Era uma rapaniga nova, rosada, gorda, de carnes molles e flacidas.

O pobre rapaz presentia que se havia de apaixonar immediatamente pela primeira mulher com quem dançasse, e não se enganava. Aos primeiros compassos da polka, per-

dou a pouca presença de espirito que possuia e vieram-lhe estremecimentos nervosos. Ao sentir o arfar daquelles seios tumidos, o respirar offegante do seu par, eram como picadas agudissimas a vararem-lhe o coração. Não podia respirar livremente e começava de esquecer o *um, dois, três* que o mestre lhe ensinára. Estava immensamente perturbado. Começava de entontecer. De repente, pisou da dama, e falseando-lhe o corpo, cahiram redondamente no chão, mas tão desastradamente que André deu uma forte pancada com o cotovello no seio branco do seu par.

Os circumstantes riram-se muito, enquanto a moça geou nos braços da mãe que correrá a levantal-a. André desfez-se em desculpas: — que não fora por querer, mas por causa de um encontro que receberá, etc. Acompanhou até a casa a pequena familia, que logo se retirou, e prometteu ir no dia seguinte perguntar pela saúde da moça.

Se lamentára a decapção soffrida, por outro lado estimara o accidente que lhe dava entrada em casa de uma mulher, por quem já sentia no peito um amor profundo e casto.

No dia seguinte, André conforme havia promettido, foi depois da ultima missa, visitar a dama que tão desastradamente maguára.

Tinha um peso enorme no coração ao aproximar-se da casa. Uma sensação estranha percorria-lhe todos os membros e apossara-se d'elle um acanhamento infantil, indeciso, um acanhamento de jumento. Já durante a manhã, além do somno que lhe ficara da noite mal dormida, elle havia tido uns suores abundantes, e uns trenezis incomprehenzíveis na occasião de badalar os toques matinaes da igreja, em cujo campanario tudo se lhe curvava respeitoso e humilde. Tinha exaltações violentas do systema nervoso e de vez em quando umas picadas de febre vi-nham assaltar-lhe o cerebro esbraseado.

Impossivel lhe era definir o seu estado de espirito, pela anomalia do seu estado material, extraordinariamente excitado,

Assim, poder-se-ha facilmente ajuizar do modo lorpa com que elle se apresentou em casa daquela familia que o acaso e uma queda fizera sua conhecida um dia antes.

A moça estava já completamente bôa: — aquillo não era nada; dissera-lhe.

A mãe recebeu-o affavelmente e a filha dispensou-lhe um pallido sorriso, em que ia um agradecimento leve e uma traça pesada. Offereceram-lhe a casa: — que estava ás suas ordens; quando quizesse descançar; seria bem recebido — e outras frioleiras usadas pela burguezia pobre do cattete ao contrahir um conhecimento novo.

André retirou-se, instantes depois, ainda mais bestialmente confuso do que quando entrara. Soubera o nome da Venus catteteana: era Rosa; magnifico e florido nome para povoar o coração de um amante simplorio e completamente caloiro em coisas de amor, o grande sentimento que percorre a escala dos corações da humanidade, desde o velho bardo lyric até ao sacristão inflammavel e delam-

bido, bestializado pelas velhas practicas da igreja, no mysticismo idiota da adoração dos santos milagreiros.

André apenas voltou mais uma vez a casa da sua Rosa.

Nada podiam esperar de um homem que além de sacristão era tolo, qualidade esta que nos parece adstricta ao cargo; por isso receberam-o um tanto friamente. Aquillo não o revoltou porque um sacristão não se revolta nunca, mas em todo o caso fôra uma humilhação, e ao sahir d'aquella casa sentio o magoado musculo do peito coberto por uma nuvem espessa de melancolia ignota. Afastou-se rapidamente e quando chegou ao seu velho quarto carunchoso, n'umas aguas-furtadas da visiblanca da igreja, as lagrimas rebentaram-lhe em grossos pingos de salmoura que elle foi apacando com o grosso labio inferior, e engulindo saborosamente, como se mastigasse um pedaço da agri-doce saudade de uma preciosidade perdida.

D'alli em diante André modificou inteiramente os seus costumes e começou de emmagrecer.

Aquella paixão soffreda tomara-lhe inteiramente o espirito e ia-lhe pouco a pouco gastando a materia. De noite vinham-lhe pesadellos horribéis umas vezes, outras sonhos agitados por uma felicidade ignorada e distante. Então deixava-se dominar por aquelle sentimento recondito. Dormia sempre com luz, porque a treva amedrontava-o.

E, no final de um sonho forte, ao acordar, com a natureza irritada, lançava um olhar embaciado e vago ao espaço curto da doentia alcova.

Deu-se a excessos de namorado solitario. D'ahi a seis mezes parecia outro; tinha-lhe fugido a antiga robustez, estava esqueleticamente magro; crescera-lhe o nariz com a diminuição das feições; estava com o olhar nevoado e fundo, e á volta das palpebras encorruilhadas desenhara-se um grande sulco roxo. Das faculdades mentaes, havia auferido os predicados indispensaveis á sua profissão; isto é, estava inteiramente idiota.

A memoria extinguiu-se-lhe quasi de todo. Só tinha uma lembrança, um pensamento, uma idea, fixa, gravada, constante, inextinguivel: — Rosa. E por essa idéa sacrificava a natureza, e ia pouco a pouco deixando esvoir-se-lhe a vida. Quando o interrogavam abria um riso alvar e não respondia.

Uma vez, de manhã, depois de uma noite de febre, ao tocar o sino pequeno para a missa, teve o desejo funesto de precipitar-se á rua; acobardou-se e não o fez.

Nesse mesmo dia, á tarde não sei para que pratica religiosa, teve de ir dobrar o sino grande e n'uma das voltas agarrou-se á cabra para dobrar com o sino, como havia feito muitas vezes; ao soltar-se para o lado de fóra, para-lisaram-se-lhe as forças, e largou-se d'aquellas alturas, soltando um grito: — Rosa!

Esmagalhou o crânio na calçada.

F. D'ALMEIDA.

A ESCADA DA PERDIÇÃO

POR

SILVESTRE DE LIMA

I

Corria o verão: o calor era immenso.

Esta grande cidade do Rio de Janeiro parecia como suffocada embaixo de um ar espesso e carregado.

Os pulmões se dilatavam para respirar; mas a atmosphera, morna e pesada, não podia satisfazer a esta necessidade vital.

Suava-se excessivamente. Em qualquer parte, onde se visse forma da uma roda em conversação, se se approximasse a inquirir qual a these, encontrar-se-hia o calor. Eu sentia necessidade de respirar; tomei o meu chapéo e sahi.

Era meia noite. A população cansada repousava dos grandes trabalhos do dia. Tudo era silencio; tudo era solidão.

As ruas estavam desertas. Apenas por essas onde fermenta a ultima degradação da sociedade, passava um desses parias sujos, maltrapithos, — maquinaado pela treva o vicio e o crime.

Eu estava em uma dessas, ahi onde lavra o cancro da prostituição, que corrêe a sociedade, e vai pouco a pouco adulterando os principios da moral.

Sahia dessas casas um riso gorduroso e baço, frio como o terror, que fazia eriçar os cabellos áquelle mesmo que tivesse o coração mais duro.

Eu caminhava cabisbaixo e pensativo.

Ao vêr aquellas sombras, que se agitavam por traz dos vidros embaciados pelas cortinas, eu me lembrava de Tiberio e Messalina desses vultos, cujos cadaveres a Historia exhumou para apresental-os á humanidade em todo o seu hediondo aviltamento.

A uma — ella despe as purpuras da nobreza e mostra-a como não recuando diante da infamia; ao outro — arranca-lhe o sceptro da mão e a corôa da cabeça e mostra-o como affrontando-o até o incesto.

E eu via a geração moderna caminhando para os antigos tempos de Roma — dessa cidade que horrorizou o mundo com as suas baixezas.

A minha alma de moço se confrangia diante desse espectáculo que presenciava. Entusiasta do que é grande e nobre, mas desanimado pelo vicio, eu julgava a perfeição da humanidade, sonhada por tantos pensadores deste seculo, uma utopia. O mundo cada vez mais se abysma no cahos onde desapareceu a celebre Babylonia.

la eu assim distrahidamente, quando pareceu-me ouvir uma voz, que já me era conhecida.

Voltei o rosto :

— D. Elvira ! . . disse eu cheio de admiração.

— Sim! . . eu mesma! . . . respondeu-me ella com esse riso desceado da mulher perdida.

Revolvia-se-me o pensamento.

Effectivamente era ella uma moça que eu conheci outrora em um dos bairros aristocraticos desta cidade.

Deslumbrante belleza, de educação aprimorada de piano e romances, que constitue o cultivo da intelligencia das mulheres em nosso paiz; era ella o orgulho da nobre familia de que descendia.

Fatua pela riqueza dos pais, tinha no andar um porte altivo, e na frente um ar de desprezo por tudo que a cercava.

A modalizada ao exaggero, importada de Paris substituido, sabia-a ella trajar elegantemente.

Continúa.

INVEJAS

A ARTHUR AZEVEDO

I

Leva no braço a cadellinha mansa
E em carro aberto exhibe-se na praça,
Tando no olhar os piliros da desgraça,
Essa ridente exportação da França.

Cobre n'um longo olhar a população
Que acorrenta aos grillões da loira trança,
Amachuca o vestido cor da esperança,
Ri-se para um visconde . . . e segue e passa.

E uma virgem romantica, Deus meu,
Ao vel-a, da janella, estremeceu
Picada de um desejo transparente,

E após momentos de seismar profundo,
Ella disse por fim: — « Gosam no mundo!
« Que vida alegre e boa, a desta gente! . . . »

II

Ella não sente as pulsações ligeiras
D'um coração que commovido estala.
Repoltreada languida, na sala,
Lança a vista para umas costureiras,

Que estão defronte a rir-se e olhar p'ra ella.
E' um bando de alegres raparigas
Que a trautear lindissimas cantigas
Costuram todo o dia na janella.

Na sítionia cruel e sedentaria
Dos prazeres venaes, a prostituta
Quasi aborrece a vida solitaria.

E olhando as raparigas que detesta,
Ella exclama, n'ans impetos de bruta :
— « Como é feliz essa canalha honesta! . . . »

F. D'ALMEIDA.

REVISTA COMMERCIAL

SEGUNDA QUINZENA DO MEZ DE OUTUBRO DE 1879

CAMBIOS :

A taxa bancaria de 21 1/2 sobre Londres a 90 d/v, manteve-se constante até ao dia 22 ; subido a 21 5/8 nos dias 24 a 27, e firmando-se depois em 21 3/4.

Sobre Paris, foi a taxa bancaria, minima, 430 a 90 d/v

» Hamburgo « « « « « 541 « «
« Portugal « « « « « 245 á vista

METAES :

Substancia	Preços extremos	De venda	De compra	Negociado
Maximo	11\$320	11\$390	11\$200	11\$200
Minimo	11\$240	11\$170	11\$190	11\$190

FUNDOS PUBLICOS :

Aplicação	Maximo	Minimo	De compra	Negociado
Geraes de 6% (1870)	4:028\$	4:028\$	4:028\$	1:028\$
Emprestimo Nacional de 1870	97 %	96 %	96 1/2 %	96 1/2 %

LETRAS HYPOTHECARIAS

Banco	Preço minimo	92%	91%	91 1/2%
Banco do Brasil (1 c.)	92%	91%	91 1/2%	89 %
Banco do Brasil (2 c.)	91%	82%	—	—
Banco do Brasil (10 c.)	81%	76%	s.j.	—

ACÇÕES DE BANCOS E COMPANHIAS

Bancos

Banco	Preço minimo	258\$000	260\$000	260\$000
Brasil	216\$000	215\$000	216\$000	—
Commercial	190\$000	186\$000	—	—
Commercial	213\$000	200\$000	215\$000	—
Industrial	205\$000	190\$000	—	—
Mercantil de Santos	113\$000	105\$000	114\$000	—
Predial	234\$000	231\$000	233\$000	—
Rural e Hypothecario	—	—	—	—

COMPANHIAS D'ESTRADA DE FERRO

Comp. de Ferro	Preço minimo	199\$000	190\$000	195\$000
Leopoldina	206\$000	203\$000	205\$000	—

Macalés e			
Campos....	preço minimo	70\$000	62\$000 □ 68\$000
S. Paulo e Rio			
de Janeiro. «	«	190\$000	180\$000 □ —
ditas (subsidiarias)..	«	«	10\$000 □ —
ditas (com direito a subsidiarias)	«	210\$000	— □ —
Sorocabana..	«	55\$000	40\$000 □ —
ditas (Deb. de £ 50).	«	70 %	75 % □ —
ditas (« Rs. 100\$)	«	64 %	60 % □ 60 %

COMPANHIAS DE BONDS

S. Christavam. Preço minimo	290\$000	280\$000	—
Urbanos(carris) «	206\$000	200\$000	204\$000
Villa Isabel... «	195\$000	176\$000	—

GENEROS

Café:

durante a quinzena	253.841 saccas
média diaria	15.865 «
Entrada : durante o mez	430.200 «
em igual periodo de 1878	405.500 «

Calculamos que a existencia em 31 de Outubro, fosse de 100.000 saccas.

Na quinzena a que nos temos referido, o movimento d'este mercado foi importantissima, tendo-se despachado : — 305.116 saccas no valor de rs. 10.304.890\$200

Em todo o mez :

369.819 saccas no valor de rs. 12.566.642\$250

EMBARQUES DE 1 A 31 D'OUTUBRO

Canal, Norte e Mediterraneo	— saccas	47.253
Cabo	«	7.720
Estados Unidos	«	360.170
Diferentes portos	«	4.267
		419.410 saccas

Preços extremos em 31 d'Outubro.

Qualidades	Per arroba	Per kilo
Lavado	10\$000 a 12\$000	681 a 817
Superior	10\$700 a 11\$100	728 a 755
1ª Boa	10\$000 a 10\$400	701 a 708
Primeira	9\$800 a 10\$000	667 a 681
Regular	8\$800 a 9\$400	599 a 640
2ª Boa	7\$800 a 8\$200	517 a 558
2ª Ordin.	6\$600 a 7\$200	444 a 490

Assucar: — Maior desenvolvimento teve o genero n'esta quinzena, pois relatamos uma venda em assucar branco de Pernambuco, cerca de 2.800 saccos para embarque com destino ao Rio da Prata e Santos, e algum para consumo; houve tambem, durante a quinzena, transações importantes com mascavinhos e mascavos de Campos para exportação e consumo, ficando o genero d'esta procedencia em favoraveis condições. Os brancos dos engenhos centraes vão continuando a ter facil collocação.

Durante a referida quinzena, venderam-se

Pernambuco	3.000 saccos
Campos	24.000 »

Ficam em ser :

Pernambuco	500 saccos
Campos	16.000 »

Gotamos : Pernambuco nominal, tendo regulado, o que se vendeu da safra passada, de 282 a 300.

Campos engenhos centraes brancos.	258 a 280
» mascavinho	210 a 230
» mascavo	140 a 190

Vendeu-se o que havia do Penedo, genero muitissimo ordinario.

Fumo: — Nada temos de importante a registear com respeito a este mercado que se acha paralyzado; considerando nominaes as seguintes cotações:

Goyano	1.800 por kilo
Rio Novo	1.500 » »
Pemba	1.200 » »
Baependy	800 » »

Toucinho: — Gotamos, 500 a 660 por kilo.

Queijos de Minas: — Gotamos, 700 a 1200.

Aviso

Toda a correspondencia deve, por enquanto, ser dirigida para a rua da Alfandega n. 71, acreditado estabelecimento de papel e livros dos Srs. J. Coursell & C^a.

Recebem-se annuncios para a capa, ao preço de 5\$000 por cada oito centimetros de altura, ou 15\$000 por anno, para o mesmo espaço — como se vê dos dois insertos na capa d'este numero.